

# O dia da minha morte na guerra

de João de Melo

*António Souto*

**TERIA TALVEZ UNS SETE OU OITO ANOS, OS MESMOS** da guerra, que por África lavrava como fogo, assim dizia a gente crescida, e houve na minha aldeia um acontecimento grande, daqueles que nos ficam para sempre num qualquer recanto da memória, à espera de lembrança.

Frequentava, então, a minha escola primária, na classe da D. Amélia, e aprendia muito, sobretudo a ler, escrever e contar, que era para isso que lá andava. Eu e os outros todos, também meninos.

E sabia já muita coisa da nossa história de Portugal, e da outra, de além-mar, que séculos atrás tínhamos inventado em terras longínquas. Pelo menos, era o que nos contava a D. Amélia, com aquela sua clarividência de nos guiar por toda a intimidade do velho mapa desbotado que zelosamente pendurava no quadro preto da sala. E insistia ela que, apesar das inúmeras contrariedades e do imenso sacrifício pátrio, mantínhamos ainda um certo vigor em algumas daquelas paragens venturosas. E nós acreditávamos, embevecidos, naquela vastidão toda ao alcance dos olhos, de uns olhos que em breve seriam já de homens feitos, e que para ali poderiam ser reclamados, sendo essa a vontade, mais alheia do que nossa, como mais tarde viria a descobrir.

O que a D. Amélia não previra é que o sino da aldeia tocasse um dia a finados, e que nesse dia circulasse a notícia de uma morte invulgar – não a de um velhinho que há muito a pressentia, ou a de um adulto acidentado, ou, mesmo até, a de um anjinho baptizado à pressa, mas a de um jovem combatente a quem tinham tirado a vida, a sangue-frio, e que chegava já morto daquele paraíso que ela, a senhora professora, tanto apregoava.

E os meninos todos, que nós éramos, quisemos logo saber pormenores daqueles inimigos sem alma que assim matavam. Mas a D. Amélia, surpreendida, não deu explicações. Havia mais que tratar. O funeral era no dia seguinte.

Ordens, sim. Que tínhamos de participar nas exéquias, que era um dia muito importante, que ia ser uma cerimónia muito importante, que vinha gente muito importante, e que tínhamos, exemplarmente, de fazer boa figura. Ensaiámos, portanto, as nossas cívicas obrigações – o modo de nos comportarmos, no cortejo como no cemitério, quem levaria o ramo de flores da classe, quem leria, sobretudo, a mensagem que a D. Amélia, em nome dos meninos, se encarregaria de alinhar.

Já não me lembro quem a recitou, mas sei que correu tudo muito bem. As pessoas muito importantes, de que falara a senhora professora,

tinham inundado a aldeia. Vieram em carros muito grandes e brilhantes, quase todos pretos; algumas dessas pessoas vinham vestidas da cor dos carros, de fatos muito vincados, mas também havia muitas pessoas com fardas lindíssimas, cheias de medalhas douradas, de certeza muito valiosas; e havia soldados, de um verde salpicado, com as metralhadoras muito orgulhosas e aprumadas, e que eles chegaram mesmo a disparar, muito certinhos, para alvoroço dos circunstantes, quando o caixão estava já junto à campa.

Se não houvesse aquelas pessoas todas a chorar, até parecia dia de festa. A gente ali a ouvir a banda da nossa terra – da qual o pai do jovem, pelos vistos, era sócio –, e logo a seguir a fanfarra dos militares, e depois uns quatro soldados a levantarem a bandeira portuguesa de cima da urna e a dobrarem-na muito bem dobradinha, e aqueles discursos todos a falarem-nos da pátria, e do nosso orgulho de portugueses na defesa dela, no ultramar, e da coragem e valentia daquele nosso compatriota que ali repousava, sem sangue, que o derramara na nossa África, que seria sempre nossa – como já sabíamos pela D. Amélia.

Nesta altura do discurso, eram mais as pessoas que choravam, e as lágrimas mais ainda, mas nós, os meninos da escola, momentaneamente enfadados com tanto palavrório, distraíamo-nos com as fardas e as medalhas, que eram, de facto, muito belas e vistosas.

E eu, como todos os meninos de todas as classes de todas as D. Amélias, assistia deslumbrado, pela primeira vez, a uma exibição ímpar. Sem suspeitar que, naquele dia, diante de mim, naquela urna lealmente acabada, sossegavam milhares de heróis sem culpa; sem suspeitar sequer que, naquele dia, que muito bem podia ser de chuva, também eu morria, algures em África, numa guerra que não viria a ser nunca, felizmente, a minha.

